



As CEBs como escola de sinodalidade na América Latina – *Koinonia* e *Diakonia*, uma Igreja que se renova no magistério do Papa Francisco

CEBs as school of synodality in Latin America –
Koinonia and Diakonia, a Church that is renewed
in the magistry of Pope Francis

*Romildo Henriques Pinas**

UNISAL

Recebido em: 18/04/2022. Aceito em: 06/06/2022.

Resumo: O presente artigo trata do tema da sinodalidade da Igreja e como essa característica estava presente nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no contexto latino-americano. Ao olhar para o magistério do Papa Francisco, é possível relacionar aqueles valores presentes nas CEBs com o apelo do nosso Papa para uma Igreja, mais participativa, mais fraterna e sinodal. Nas CEBs o valor da participação de todos e o empenho pela justiça e pela fraternidade fez delas um modelo exemplar de vida cristã. Com o impulso do Vaticano II e diante de tão grande desigualdade social, as Comunidades de Base renovaram o modo de ser Igreja e deram grande contribuição para a renovação eclesial proposta pelo concílio. O sentido de Povo de Deus, vivamente realçado na prática dessas comunidades, garantiu a dignidade de cada batizado, favorecendo também a participação de todos, garantindo o 'juntos' do caminho eclesial. O Papa Francisco, com seus pronunciamentos e ações, ajuda a renovar no coração da Igreja o valor da sinodalidade, valor que, de certo modo, foi sufocado na história das CEBs.

Palavras-chave: Sinodalidade. Igreja. CEBs. Papa Francisco.

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 2012). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 2007). Pós-graduado em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, MG, 1998). Graduado em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, MG, 1995). Professor da Faculdade de Teologia da UNISAL, São Paulo, SP.

E-mail: romildo@salesiano.br.





Abstract: *This paper deals with the theme of Church synodality and how this characteristic was present in Base Communities in the Latin American context. When we look at the teaching of Pope Francis, it's possible to detect those values present inside of CEBs, this occurs in your practice when ask for a Church that is more participatory, more fraternal and synodal. In the CEBs, the value of everyone's participation and the commitment to justice and fraternity made them an exemplary model of Christian life. With the impulse of Vatican II and in the face of such great social inequality, the Basic Communities renewed the way of being Church and made a great contribution to the ecclesial renewal proposed by the Council. The sense of the People of God, vividly emphasized in the practice of these communities, guaranteed the dignity of each baptized person, also favoring the participation of all, guaranteeing the "together" of the ecclesial journey. Pope Francis, with his pronouncements and actions, helps to renew in the heart of the Church the value of synodality, a value that, in a way, has been suffocated in the history of CEBs.*

Keywords: *Synodality. Church. CEBs. Pope Francis.*

1 Introdução

O presente estudo concentra-se na tarefa de refletir sobre o dom da sinodalidade da Igreja doado pelo Espírito no decorrer de sua história. Trataremos a sinodalidade contextualizando-a na vida das CEBs e relacionando-a com o conceito de “Povo de Deus” conforme foi assumido no Vaticano II e no contexto da Igreja latino-americana. Trataremos esses temas à luz do magistério do Papa Francisco, pois ele tem dado novo impulso aos valores eclesiais defendidos no último concílio e praticados de forma intensa por longos anos nas Comunidades de Base da Igreja ameríndia.

Para nosso estudo, em um primeiro momento, retomaremos brevemente o histórico das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e sua forma de ser Igreja no nosso Continente. Elas são o elemento catalisador na nossa problemática, pois ao abordar a teologia das CEBs desejamos fazer convergir de forma triádica os conceitos de: Igreja, sinodalidade e ‘Povo de Deus’. A característica identitária desse modo de ser Igreja brota de um propósito que não admite privilégios ou verticalidade na comunidade, todos os dons e carismas exprimem o serviço fraterno e o esforço da comunidade no seguimento a Jesus Cristo como Bom Pastor¹. Nesse lugar eclesial não se entende a Igreja da forma piramidal, uma hierarquia

¹ KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: Amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 231. O autor recorda que quando o Evangelho denomina de ‘Bom Pastor’, logo em seguida vêm as características que o torna bom:



que manda e um rebanho que obedece, mas o Reino desejado por Cristo como território da verdadeira fraternidade: onde todos são irmãos.

Em um segundo momento, empenharemos em relacionar os valores da Igreja das CEBs com alguns traços do magistério do Papa Francisco. Hoje, novamente nos sentimos motivados por uma Igreja nas bases, voltada para os pobres e excluídos. Depois de um longo deserto, somos impulsionados a falar de uma Igreja das periferias, em saída e samaritana². Tudo isso não é novidade para os que já viveram os anos dourados da Teologia da Libertação. Foram tempos do renascimento de comunidades inseridas, da opção preferencial pelos pobres feita na Conferência de Puebla e do expandir das CEBs que aos milhares fervilhavam em nossas dioceses e paróquias. Por sua vez, o desafio de hoje é fazer do projeto de Francisco um projeto de todos nós, um projeto das bases. Como já fizera notar o padre Congar, toda verdade de fé carece de ‘recepção’ de adesão.

2 CEBs: algumas notas que permitem entender o sentido de fraternidade e participação na Igreja Latino-americana à luz do Vaticano II

Aqui vamos concentrar nosso olhar para as CEBs como valor permanente da fraternidade cristã e do modo de ser Igreja. Elas são a expressão prática daquilo que o Vaticano II definiria como Igreja ‘Povo de Deus’. No seguimento radical de Cristo, a Igreja constituída nessas pequenas comunidades de pobres e excluídos, comunidades populares, procura vivenciar de maneira efetiva o seguimento a Jesus Cristo e a prática do Evangelho. Isso se dá na vida celebrativa e na escuta da Palavra de Deus, no anúncio missionário do Reino e na luta pela fraternidade e pela justiça.

Aqui vale a pena levantar alguns traços característicos das Comunidades de Base, esses traços exprimem, de certo modo, a sua natureza eclesial e seu profundo alinhamento ao projeto de Jesus Cristo. O *primeiro traço* significativo das CEBs é o espírito fraterno e comunitário. Elas são experiências acontecidas à luz do Evangelho. Esse traço identitário permite aos participantes se sentirem sujeitos ativos e constituídos de igual

ele conhece cada ovelha pelo nome, cuida de todo rebanho como zelo incansável. Há uma unidade no rebanho propiciada pela presença amorosa do pastor.

² FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (EG). Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013. n. 24, 30, 46.



dignidade na Igreja. Todos são irmãos e amados por Deus. A história da CEBs salienta que não há lugar para quem almeja colocar-se acima dos demais. Mesmo os membros da hierarquia, bispos e presbíteros, quando assumem a inserção na Comunidade de Base devem se colocar ao lado e não acima, renunciarem a qualquer atitude vertical e autoritária.

Quando Leonardo Boff usa o termo *eclesiogênese* para descrever a Igreja que brota da novidade dos pobres, então ele realça o emergir de um jeito novo da Igreja retomar o Evangelho para vivê-lo ao modo de Jesus Cristo, junto dos excluídos da sociedade. O sentido intenso de formar comunidade fraterna garante na América Latina a emergência de um arraigado empenho socioeclesial inovador. A Igreja desse Continente assume o viés libertador do Evangelho: por sua vivência, a fé impõe a solidariedade com os pobres e injustiçados³. Como realça Sobrino, a fé comprometida leva até ao martírio⁴.

As CEBs propiciam à Igreja um modo novo de viver a fraternidade evangélica e a eclesialidade. A Igreja se faz povo, desce às bases com atitudes de solidariedade e profetismo⁵. A natureza da Comunidade Eclesial de Base acaba por tocar a estrutura vertical e de poder que por longos séculos reinou na Igreja e na sociedade latino-americana. ‘Ouvir o clamor dos pobres’ é exigência evangélica para as CEBs, pois elas adquirem um sentido de fraternidade que supera a prática da caridade puramente assistencialista. O Evangelho resulta em mutirões, em lutas por libertação, em campanhas de melhorias sociais na saúde, na educação, na qualidade de vida. A Palavra de Deus assume também seu sentido político sem cair em ideologia partidária. A força transformadora do Evangelho torna-se realidade no meio do povo simples. A opção pelos pobres resulta da chama de fraternidade que se acende no nosso Continente como reflexo do impulso conciliar.

Um *segundo traço* marcante das CEBs é o testemunho evangelizador. Seus membros têm consciência de que o Evangelho deve ser ouvido, vivido e anunciado. A religiosidade, sobretudo em meios rurais, em rincões distantes, como é sabido, se manteve firme graças

³ MATOS, Henrique C. José. *CEBs uma interpelação para o ser cristão hoje*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 57.

⁴ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 381.

⁵ BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo Eclesiogênese: A Igreja que nasce da fé do povo*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 95.



às devoções, orações e momentos celebrativos com ou sem o padre⁶. Como lugar de evangelização, as Comunidades de Base empenham em se formar na fé, ajudando seus membros a se tornar cristãos mais autênticos. Ao assumir a vivência da fé, a comunidade evangeliza também os outros. Tanto a *Evangelii Nuntiandi*⁷ quanto a *Redemptoris Missio*⁸ vão perceber o benefício evangelizador presente nas Comunidades de Base. Elas funcionam como fermento levedando, pela dinâmica do Espírito, toda Igreja. A evangelização é uma das forças das CEBs⁹, força que adquire visibilidade na partilha da Palavra onde todos têm voz e vez. Pela leitura orante da Bíblia, os membros da CEB se inspiram para refletirem a própria vida. Evangelizar é transformar: o axioma ‘fé e vida’ passa a ser indispensável nesse modo de ser Igreja. Diante de tal horizonte interpretativo, evangelizar é também se interessar pelos problemas da comunidade: doenças, desemprego, fome etc. A Igreja torna-se mais do que um conjunto institucional de normas e doutrinas, mas acontecimento vivo, transformador, desafiador de todas as contradições humanas, tanto internas às CEBs quanto externas a elas¹⁰.

Um *terceiro traço* característico das CEBs é seu modo de viver a adesão ao Reino de Deus. As Comunidades de Base não separam a ideia de Reino escatológico futuro e o acontecer do Reino no já da história. Então, o sentido e a força evangelizadora da comunidade consistem em anunciar o Deus que liberta na história, em pregar o Cristo pobre e solidário com os que sofrem. À luz do texto da Carta de Tiago, a Comunidade de Base entende que a fé sem obras é morta (Tg 2,14-26)¹¹. Tudo que escraviza o ser humano não condiz com o Reino de Deus¹², obras são também força libertadora. O Reino vivido e anunciado por Jesus já acontece no novo modo de ser Igreja realizado nas Comunidades de

⁶ AZEVEDO, Marcello. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da fé*. São Paulo: Loyola, 1986. p. 130.

⁷ PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi* (EN). 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. n. 58.

⁸ JOÃO PAULO II. *Encíclica Redemptoris Missio*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1991. n. 51.

⁹ REGAN, David. *Experiência cristã das Comunidades de Base – Mistagogia*. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 277.

¹⁰ BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e poder: Ensaio de Ecclesologia Militante*. São Paulo: Ática, 1994. p. 211.

¹¹ BÍBLIA Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994. Todas as referências bíblicas serão retiradas dessa tradução.

¹² GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 32.



Base: há nelas um compromisso para que os cegos recuperem a vista, os coxos voltem a andar e os cativos sejam libertos. A partir dessa perspectiva evangélica, a justiça social, a transformação provocada pela fé e a libertação integral são resultados do compromisso eclesial de cada cristão dessas comunidades.

Por último, um *quarto traço*, as CEBs revelam uma Igreja de todos! O “felizes os pobres!” Ressoa com som intenso e audível nessa Igreja que se instaura nas bases. Os pobres e excluídos foram chamados ao banquete, agora podem assumir seus lugares, pois nessa nova Igreja, toda pessoa tem seu valor único e insubstituível nos serviços da comunidade. As funções de cada membro caracterizam as necessidades da comunidade como serviço. O sentido de ‘Povo de Deus’ unifica a comunidade cristã: bispo, presbítero e leigo, ninguém deve estar acima; rompe-se a estrutura piramidal e retoma-se o modelo de comunidade fraterna. Nesse modelo de Igreja, todos devem se colocar a serviço: Povo de Deus dentro do Povo de Deus e a serviço do Povo de Deus¹³.

A Igreja-CEBs funciona como o fermento na massa, uma pequena porção que leveda toda farinha. Refere-se a uma força invisível atuada pelo Espírito e que age nas contradições da história. A Comunidade Eclesial de Base é sinal de um mundo novo, o povo simples se torna efetivamente Igreja e trabalha para uma sociedade mais justa, fraterna e libertadora. As CEBs formam, conscientizam, evangelizam, almejando, assim, viver o Evangelho. A fé viva é confessada, celebrada e expressa no agir eclesial¹⁴. A Igreja ‘Povo de Deus’, ao modo que emerge na América Latina, atualiza a esperança do Reino, vive sua utopia realizada em Jesus Cristo como dissera Paulo VI em repetidas circunstâncias. Ela participa do Sonho de um mundo melhor, de uma civilização da fraternidade e do amor¹⁵.

2.1 CEB: todos caminhando juntos – autêntica sinodalidade!

CEBs é o termo que indica o sentido mais original da eclesiologia conciliar na América Latina. Seu modo de assumir a mensagem cristã

¹³ BOFF, 1994, p. 222.

¹⁴ BOFF, Clodovis. Crônica Teológica do V Encontro Intereclesial de Comunidades de Base. In: *REB (Revista Eclesiástica Brasileira)*, 43, fasc. 171, set. 1983, p. 491.

¹⁵ MATOS, 1985, p. 124.



permite ver nelas o que há de mais original na vivência do projeto de Jesus Cristo. O conceito de Povo messiânico que tem por cabeça Jesus Cristo adquire na Comunidade de Base a dignidade constitutiva da filiação divina, ‘povo escolhido’ e, no exercício da liberdade, a comunidade vislumbra a meta do Reino de Deus, germe de esperança, de unidade e salvação¹⁶. Os termos como *participação*, *caminhada*, *todos juntos*, *união* e tantos outros patenteiam a identidade original da Comunidade de Base como lugar por excelência para vivenciar a fé cristã.

No contexto das CEBs deparamos, de certo modo, com o resgate do sentido de sinodalidade (caminho que se faz juntos), trata-se de um modo de viver a fé que resgata o que fizera a Igreja nos primeiros séculos. Leonardo Boff faz notar que recuperamos criativamente a grande tradição do primeiro milênio, cujas raízes, estão na comunidade dos Doze, formada ao redor de Jesus e na experiência de Igreja descrita nos Atos dos Apóstolos¹⁷. O sentido de ‘todos juntos’ determina o novo sujeito eclesial. Nas CEBs cada um assume seu ministério, rompe-se com aquela estrutura eclesial em que o leigo estava sujeito ao clero, não existe nelas o monopólio clerical do poder¹⁸.

‘Todos caminhando juntos’ não significa fechar os olhos aos problemas que as CEBs enfrentaram e enfrentam; esse modelo de ser Igreja também é portador de contradições, de dificuldades na vivência da fraternidade e no exercício dos ministérios. As CEBs sofreram muitas dificuldades internas e externas: essas últimas advindas de resistências da hierarquia e em alguns casos incorrendo até em perseguição, provocando desânimo e esmorecimento das comunidades. Há vasta bibliografia que também sinaliza para o cenário das CEBs como realidade que vai se institucionalizando, se paroquializando. Além disso, é inegável também certas polêmicas internas e disputas de poder, bem como, a rotatividade de lideranças. Essa reação, abordada por muitos teólogos já se delineava em rudimentos no Documento de Puebla¹⁹.

¹⁶ *LUMEN GENTIUM* (LG), 25. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, Decretos e Declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹⁷ BOFF, 1986, p. 84.

¹⁸ BOFF, Clodovis. Estatuto Eclesiológico das CEBs. In: VVAA. *As Comunidades de Base em questão*. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 262.

¹⁹ Para ter uma amostragem da crise que emerge na Igreja do Brasil em decorrência das divergências pastorais e teológicas, o *SEDOC* de 1977, V. 9, 102, p. 1263 onde registra a celeuma provocada pelas desairosas ofensas de Dom Sigaud contra Dom Pedro Casaldáliga e Dom Tomás Balduino expostas de forma ‘leviana’ numa entrevista ao *Jornal do Brasil* no dia 26 de fevereiro de 1977.



A partir da década de 80 houve uma falta de estímulo por parte da hierarquia para com as CEBs. Fundamentalmente a Igreja-instituição passa a desestimular uma prática eclesial que saiu do Vaticano II, a de uma Igreja ministerial, participativa do Povo de Deus. Volta-se para uma Igreja clerical e sacramentalista, onde o centro não é mais o povo, a assembleia de fiéis, mas o clero. Em 1984 e em 1986, a Congregação para a Doutrina da Fé emite dois documentos, fazendo críticas à Teologia da Libertação, cuja prática estava associada às CEBs²⁰. Entre as duras observações nos documentos pontifícios mencionados, percebe-se o medo do materialismo histórico e a acusação de desvio da mensagem cristã, colocando a luta pelo pão no lugar do anúncio do Evangelho. A crença no poder temporal contrapondo ao Reino de Deus, bem como a noção de ‘Igreja do povo’ leva a um questionamento ‘inadequado’ da estrutura hierárquica, bem como o desvio pelas trilhas da ideologia²¹.

A trajetória de sombras e obstáculos não consegue ocultar a clareza radiante desse novo modo de ser Igreja, modelo mais ligado ao povo, com opção preferencial pelos pobres. As Comunidades Eclesiais de Base, articulam uma concepção integral de evangelização²². O sentido eclesial da comunidade que caminha unida reflete uma Igreja que assume seu sentido explícito de prática do amor fraterno. Ocorre na opção sinodal (caminhando juntos) forte desejo de libertação, libertação construída por um processo participativo e solidário. O Evangelho é transformador, gera comunhão, chama ao sentido do ‘juntos como irmãos’. Como acentuou Medellín, trata-se de despertar nos corações humanos uma viva consciência de justiça e de responsabilidade solidária. Desse modo, à

²⁰ TRACCO, Luiz Celso. As CEBs em Aparecida. A retomada de um modelo de evangelização? In: *Revista de Cultura Teológica*, Ano XXII, n. 84, jul.-dez., 2014, p. 12.

²¹ CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. *Instrução Sobre Alguns Aspectos da “Teologia da Libertação”*. São Paulo: Paulinas, 1986, (Documentos Pontifícios 203). O capítulo. 6, n. 3, faz a crítica àquilo que o documento chama de esquecimento da ‘Palavra de Deus’; sobre a questão da ideologização da teologia vale consultar o capítulo VII sobre ‘A análise marxista’ n. 6,7, 8, 9, 10. Também o capítulo IX realça a preocupação ideológica e o medo da politização da fé. Cf. n.2, 3, 6; também é interessante observar alguns elementos presentes no capítulo XI sobre as ‘orientações’ onde questionam o sentido de imanentização da história e do Reino, n. 17. Na conclusão, o documento vai deixar claro que o ‘Reino de Deus’ não é deste mundo, de algum modo contrapondo história e fé. Cf. também o Documento da Congregação para a Doutrina da Fé: *Instrução sobre a Liberdade cristã e a Libertação* e a carta do papa João Paulo II à CNBB de 1986. Os dois textos, dois anos após o documento supra citado, continuam batendo nas mesmas teclas, porém numa linguagem um pouco mais conciliadora.

²² AZEVEDO, 1986, p. 58.



luz do Evangelho, a comunidade procura defender o direito dos pobres e oprimidos²³. Medellín deu grande impulso às CEBs na América latina, concretizou de forma expressiva a valorização do cristão batizado, da Igreja local com sua personalidade, cultura e história²⁴.

Naturalmente, depois de décadas de caminhada, houve muitos estudos expondo de forma mais sistemática a história das CEBs, sua teologia subliminar e seu modo de viver o seguimento de Jesus Cristo. Debateu-se também suas dificuldades, suas conquistas como Igreja e seus desafios, pois não obstante aos problemas, ainda hoje podemos contemplar o sentido comunitário e fraterno do testemunho cristão vivido nessas comunidades, fato já identificado lá nos anos 70 pelo teólogo Leonardo Boff²⁵. A comunhão fraterna reflete na Comunidade de Base o sentido da vida divina intratrinitária, unida em Cristo, pois é o Espírito quem move a comunidade no caminho da libertação, proporciona a unidade de todos os homens entre si e com Deus²⁶ ‘em todos Deus seja tudo’ (1Cor, 15,28).

No jornal Folha de São Paulo de 2005, Dom Luciano Mendes fazia ver que as Comunidades Eclesiais de Base resultam do anseio de uma experiência cristã de maior fraternidade. Elas se fundam na identidade cristã e se fortalecem com a Palavra de Deus e nos sacramentos. Elas assumem o compromisso efetivo de transformação da sociedade à luz do Evangelho²⁷. O intenso valor dado à prática da comunhão, bem como o esforço em vivê-la cotidianamente, revelam o lugar social dos membros das CEBs. Eles são pessoas oprimidas, que sofrem todo tipo de rejeição e exclusão, mas pela fé superam as diferenças em nome da solidariedade em Cristo e da participação ‘juntos’ na comunidade. Há um sentido de que é o pobre que ajuda o pobre, por isso são comunidades solidárias, onde conseguem partilhar os sofrimentos e as bênçãos e do mesmo modo partilham o pão de cada dia.

O modelo CEBs é constituído de comunidades vivas e atuantes, experiência que ocorre à luz do espírito eclesial do Vaticano II. Nesse novo

²³ CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín*, 1968. São Paulo: Paulinas, 1998. Doc. Paz 2, n. 25.

²⁴ TABORDA, Francisco. A Conferência de Medellín como recepção do Vaticano II. In: *Perspectiva Teológica*, v. 51, n. 1 jan.-abr., 2019, p. 128.

²⁵ BOFF, 1976, p. 395.

²⁶ CELAM. *Puebla – A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987. n. 211.

²⁷ BENINCÁ, Dirceu; ALMEIDA, de Alves. *CEBs nos trilhos da inclusão libertadora*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 103.



momento eclesial, toda pessoa se torna sujeito na Igreja. A sinodalidade ocorre desde o momento em que toda pessoa tem palavra ativa junto da comunidade. As CEBs se colocam como o lugar por excelência do leigo, são a Igreja que nasce do povo e reconhece, sem ocultar as fraquezas, a dignidade de todo Povo de Deus. A Igreja popular e participativa mostra-se encarnada na realidade histórica das pessoas. Ela faz seu caminho à luz da comunidade de Jesus com os Doze e da Igreja primitiva, pois aquelas comunidades viviam a atitude concreta do Reino, fato explícito no testemunho histórico de Jesus Cristo e das primeiras comunidades cristãs contido nos evangelhos. O emergir das CEBs contribuiu para superar as estruturas institucionais muito rígidas e desencarnadas²⁸ e, com isso, retomar o valor evangélico da Igreja de Jesus Cristo conforme a Escritura e a Tradição.

As Comunidades Eclesiais de Base constituem um espaço por excelência de participação sinodal. Elas propõem um modo de ser Igreja todo ministerial, unida no respeito à diversidade, na atitude missionária, na inserção dos leigos: mulheres e homens. Revela a natureza de uma comunidade unida no caminho do Reino. A Igreja nos seus planos setoriais e universal, volta a falar de forma renovada do valor dos carismas, da participação ministerial e de fiéis atuantes, explicitando desse modo aquilo que já ocorre durante muitos anos nas CEBs. Certamente, hoje, desde Aparecida, se evidencia cada vez mais termos como ‘rede de comunidades’, ‘comunidade de comunidades’ ‘comunidade eclesial missionária’²⁹. Embora alguns dos termos, para exporem tais propósitos, tenham sido transformados, todavia, o conteúdo permanece, pois o apelo ao sentido de Igreja solidária com os pobres, fundada na fraternidade, na sinodalidade; bem como de uma Igreja onde todos se fazem irmãos, tudo isso são características que já se faziam presentes nas Comunidades de Base e constituíam o seu modo de viver o Evangelho³⁰.

O modo da Comunidade de Base viver a *Koinonia* e a *Diakonia* remete obrigatoriamente à Igreja dos Atos dos Apóstolos. Comunidade unida em torno da Palavra de Deus, da fração do pão, em oração e em

²⁸ VELA, Jesus Andres. *Las Comunidades de Base y una Iglesia nueva*. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1968. p. 22.

²⁹ CELAM. *Documento de Aparecida (DAp)*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus: Paulinas; Brasília: CNBB, 2007. n. 309, 5170.

³⁰ REINERT, Fernandes João. *Paróquia e Iniciação Cristã*. A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal. São Paulo: Paulus, 2015. p. 118.



comunhão com todos os irmãos. Todos vivem unidos em ‘um só coração e uma só alma’ (At 4,32) e na comunhão de bens³¹. As características da Igreja primitiva, reemergem como valores constitutivos das Comunidades de Base. Elas são uma Igreja inteira nas Bases, são o primeiro e fundamental núcleo eclesial. Nesse núcleo se deve responsabilizar-se da riqueza e expansão da fé³². Interessante que o *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil, da CNBB, de 1962*, já estava atento à necessidade de comunhão da Igreja: conclamava à superação do individualismo no apostolado e da passividade do povo na participação da vida eclesial. Ainda estava atento para a corajosa necessidade de corrigir as relações entre o clero, os religiosos e os leigos, fazendo esses últimos não serem apenas executores de ordens. Ousou falar de renovação paroquial, no intuito de vitalizar, dinamizar, para desse modo responder às circunstâncias da realidade³³.

Por fim, vale dizer que as CEBs conseguiram construir um sentido eclesial de direitos iguais³⁴. A expressão ‘todos juntos’ sugere tanto no viés religioso quanto no político-social que: não deve haver pessoas que se sintam acima, melhores que as demais, nelas (CEBs) não comporta uma estrutura eclesial piramidal onde o poder clerical se sobrepõe aos leigos. Na fraternidade cristã como seguimento de Jesus Cristo, todos são irmãos, igualmente constituídos em dignidades a caminho do Reino de Deus.

2.2 CEB: todo “povo de deus”, vivendo a sinodalidade!

A identidade das CEBs, conforme traçada na teologia e na própria compreensão que o povo tem delas, procurou mostrar que tais comunidades são uma Igreja inteira representada em cada uma das milhares de comunidades. Esse modo de vê-las implica em assumi-las realmente como ‘Povo de Deus’, como Igreja. As Comunidades de Base são a expressão visível da sinodalidade contida nos propósitos eclesiais do Vaticano II: todo fiel batizado é Igreja de Cristo! O qualitativo do termo ‘todo’ indica obviamente o valor único da comunidade de fiéis, incluindo

³¹ Cf. VELA, 1968, p. 24.

³² VELA, 1968, p. 150.

³³ CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*. Rio de Janeiro: Dom Bosco, 1962. p. 9-16.

³⁴ IULIANELLI, Jorge Atilio Silva. Pastoral neoconservadora ‘ma non troppo’: RCC e CEBs. In: *REB (Revista eclesialística Brasileira)*, fasc. 225, mar. 1997, p. 37.



nela também a hierarquia pois essa não é um ‘ente em si’, à parte do ‘Povo de Deus’. No contexto pós-conciliar houve a tendência de polarizar a Igreja das CEBs e a Igreja das lideranças, dos padres, dos bispos e dos teólogos. Todavia isso parece impróprio quando associamos a natureza das Comunidades de Base ao que foi afirmado na constituição *Lumen Gentium* sobre o valor específico de todo fiel batizado dentro da Igreja. Não é diferente caso resgatemos o modo testemunhal da Igreja primitiva e sua vivência comunitária como novo povo eleito em Cristo Jesus, onde se vive a unidade, a fraternidade e a mesma dignidade pelo batismo. Na verdade, não há como contrapor CEBs e hierarquia, pois elas surgiram dentro da Igreja e com a Igreja.

Ao voltar nosso olhar para o histórico das CEBs no Brasil, torna-se patente que essas comunidades sempre estiveram unidas à Igreja institucional, aos seus pastores e presbíteros. Seu modo de ser na Igreja não gera divisão, mas almeja caminhar juntos à luz do Evangelho. Então, podemos notar que algumas afirmações ‘preconceituosas e reticentes’ acontecidas no decorrer da história das CEBs, reações temerosas que já estavam presentes desde o Documento de Puebla sobre esse modo de ser Igreja, já sinalizavam para o caminho de perseguição e controle que a Igreja latino-americana enfrentaria nos tempos seguintes³⁵. Trata-se de algo que não condiz concretamente com o modo que tais comunidades vivenciaram e vivenciam a participação eclesial: atuam em comunidade e com a comunidade.

Mesmo com alguns enunciados que contrapõem ao percurso iniciado em Medellín, e até reações à caminhada eclesial, não obstante a isso, Puebla garantiu em grandes linhas o sentido eclesial e o espírito da eclesiologia iniciada na América Latina nos anos anteriores. A linha de fundo que orienta os dois grandes documentos latino-americanos Medellín e Puebla dá suporte para o sentido de participação e sinodalidade eclesial. Seu conteúdo garantiu as bases para o caminho das ‘pequenas comunidades’ realizado nas CEBs. Também afirmou a opção preferencial pelos pobres e excluídos da sociedade, público alvo das Comunidades de Base. No caso do Brasil, mesmo antes do Concílio Vaticano II, bem como no imediato Pós-concílio a CNBB já visualizava uma Igreja mais participativa, mais aberta aos leigos e a todo Povo de Deus³⁶.

³⁵ PUEBLA, n. 98, 261, 630.

³⁶ CNBB. *Plano de Pastoral de conjunto* (1966-1970), Doc. 77. São Paulo: Paulinas, 2004. n. 6, p. 101.



A sinodalidade é traço identitário das CEBs. Muitos falaram de uma ‘massa’ que se fez povo, e de modo mais exato ‘Povo de Deus’ constituído verdadeira comunidade eclesial. Nesse modo de ser Igreja, as pessoas se reúnem, ouvem e buscam viver a Palavra de Deus e celebram juntas a Eucaristia. Os membros da CEB adquirem voz, descobrem seu valor como cristãos que caminham juntos em direção ao Reino de justiça e fraternidade. Emerge verdadeira dinâmica de libertação integral, inclusive libertação das peias do poder eclesial-clerical. A sinodalidade presente nesse modelo de Igreja apela à irmandade e à fraternidade da Igreja primitiva, resgata o valor da comunhão e da unidade entre todos³⁷.

A sinodalidade da Igreja, conforme a tradição, evoca obrigatoriamente o conceito de Povo de Deus constituído por dom e autoridade. É em Jesus Cristo e na comunidade dele com os apóstolos que emerge um novo povo eleito. Na Igreja fundacional, o batismo tornou-se determinante do princípio primordial do ser cristão, formando em Cristo a comunidade dos eleitos. A Igreja é uma ‘*communio fidelium*’, constituída na autoridade de Cristo e de sua palavra como Palavra de Deus. A Igreja, como comunhão de irmãos, tem como traço constitutivo a autêntica autoridade do povo como parte determinante do ser eclesial. A ela, como instituição, cabe reconhecer-se “Igreja do povo”³⁸.

No caminho traçado pelo Vaticano II, há de se entender o resgate da sinodalidade da Igreja primigênia. As CEBs são a expressão visível da sinodalidade efetiva no acontecer da vida eclesial. Trata-se de um acontecimento que vai para além da colegialidade episcopal. O sentido da fraternidade sinodal indica ‘a totalidade dos fiéis, que tem a unção do Santo’ (1Jo, 2,20, 27). A *Lumen Gentium* deixa claro que o ‘Povo de Deus’ não pode errar na fé³⁹, a totalidade do povo de Cristo é infalível ‘*in credendo*’ e é constituído de autoridade⁴⁰. Nessa perspectiva, todo Povo de Deus é interpelado pela sua original vocação sinodal. Vale falar de uma circularidade entre *sensus fidei* com o qual é agraciado cada fiel, e o discernimento efetuado nos diversos níveis do exercício da sinodalidade. Quem exerce autoridade pastoral tem o dever de dinamizar a vida eclesial garantindo tal circularidade fundada na dignidade batismal, valorizando

³⁷ GREGORY, Afonso. *Comunidades eclesiais de base: utopia ou realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 22.

³⁸ WALDENFELS, Hans. Autoridade e conhecimento. *In: Concilium*, 200, 1985/4, p. 42.

³⁹ LG, n. 12.

⁴⁰ WALDENFELS, 1985, p. 45.



a participação, a corresponsabilidade de todos, os carismas e dons dados pelo Espírito ao Povo de Deus⁴¹. Diante de tal compreensão, a Igreja das bases conseguiu resgatar o valor da participação de todos. Nas CEBs, a mulher, o leigo, cada batizado assume um espaço de participação comunitária, cada cristão tem voz ativa.

O conceito de Povo de Deus possibilita entender a essência da CEBs como Igreja popular. Essas comunidades são constituídas de povo simples, são fruto da ação do Espírito, recolhendo nelas as experiências de comunhão e participação de todos como eram as primeiras comunidades cristãs⁴². O termo ‘Povo de Deus’ favorece retomar o propósito conciliar de resgatar os valores participativos, missionários e apostólicos da Igreja dos primeiros séculos. Na realidade da América Latina é inegável o significado das pequenas Comunidades de Base para alcançar esse ideal evangelizador.

Consequentemente, contra a Igreja das bases emergiu forte tormenta com poderosos ventos contrários. Infelizmente, até hoje tais ventos insistem em soprar⁴³. Não obstante a isso, graças ao Espírito Santo e à luz de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, a Igreja de nosso Continente continua sendo profética e preserva (de certo modo), conforme as exigências e mudanças de nosso tempo, o valor histórico e permanente do modelo evangelizador desenvolvido nas Comunidades de Base. Ao salvaguardar o valor permanente desenvolvido nas CEBs perante as dificuldades hodiernas, nossa Igreja latino-americana revela sua sintonia com o Vaticano II, sobretudo preservando o valor do conceito de Igreja Povo de Deus ou o propósito de sinodalidade tão realçado em nossos dias pelo Papa Francisco.

3 Todos irmãos: a sinodalidade das CEBs renovada no magistério do Papa Francisco

Neste último tópico queremos tomar os conceitos de fraternidade e sinodalidade cristã à luz do magistério do Papa Francisco, mostrando que

⁴¹ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, 48. Brasília: CNBB, 2018. n. 72.

⁴² MIRANDA, Mario de França. *Igreja Sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 18.

⁴³ A expressão metafórica ‘ventos contrários’ que ainda sopram no contexto eclesial pode ser explicitada no forte clericalismo, nos movimentos fundamentalistas, tanto na Igreja quanto na sociedade ou mesmo na indiferença diante do sofrimento alheio, uma fé altamente espiritualista, imanentista e até alienada do sentido comunitário e eclesial.



o modo proposto por Francisco carrega muito daquilo que foi praticado no contexto eclesial das CEBs. O apelo contundente do sucessor de Pedro tanto ao diálogo quanto à fraternidade, como exposto em vários de seus escritos, de forma primorosa na sua última encíclica, a *Fratelli Tutti*, não deixa dúvida: reflete e renova muito bem o sentido da sinodalidade e da fraternidade como valores perenes da Igreja. Tais valores vão ao encontro daquilo que é a história da Igreja latino-americana e das CEBs. O Papa propõe um movimento eclesial que insira todo cristão ou pessoa de boa vontade na vida eclesial. Não há lugar para um crente acomodado, todo batizado é chamado a evangelizar, cada um é dotado de igual dignidade diante de Deus. Como Bispo de Roma e líder mundial da Igreja Católica, o Papa tem apelado ao sentido da fraternidade, da participação e da sinodalidade eclesial, pois todo povo é evangelizador e ser Igreja é ser Povo de Deus atuante na história⁴⁴.

Ao atentarmos para o pastoreio do Papa Francisco, enxergamos que a fraternidade, o sentido de uma Igreja de carne e ossos se fazem visíveis em seu projeto eclesial. Sua liderança visa à comunhão e ao diálogo com todos os de boa vontade. Trata-se de um dado recorrente nos seus escritos. Na última Encíclica, *Fratelli Tutti*, termos como amor, fraternidade e diálogo são os que mais estão em evidência no texto. O último capítulo desse documento expõe o fundamento divino da fraternidade religiosa. Unidos ao Pai comum, todos podemos ser chamados de irmãos. “Se não se reconhece a verdade transcendente de Deus, triunfa a força do poder, e cada um tende a aproveitar-se ao máximo dos meios à sua disposição para impor o próprio interesse ou opinião, sem atender aos direitos do outro”⁴⁵.

Mais que ficar repetindo termos como fraternidade, diálogo ou sinodalidade, percebe-se que o Papa os coloca em prática, tanto em relação à colegialidade episcopal, como também no que tange aos batizados, a todo o Povo de Deus. Ele assume concretamente um modo sinodal. Suas opções, seu contínuo exercício do diálogo, não menos a forma de valorizar a todos os cristãos leigos com consultas e debates, tudo isso desvela o modo de exercitar seu magistério.

Seguindo o caminho do Ressuscitado, a Igreja busca dar à luz a um mundo novo, onde todos sejamos irmãos, onde haja justiça e paz.

⁴⁴ FRANCISCO. *EG*, n. 112, 113, 114.

⁴⁵ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti (FT)*. Sobre a fraternidade e amizade social. Brasília: CNBB, 2020. n. 273.



O Papa faz lembrar que felizmente, não vivemos mais um modelo de cristandade, toda religião deve ser valorizada e respeitada, cabe à fé cristã compartilhar com elas a busca da solidariedade e da fraternidade universal⁴⁶. Com isso, para enfrentar atitudes emergentes que vão contra o valor da *diakonia* evangélica em prol da *potestas eclesial*, Francisco apela para uma Igreja mais humana e dialogal. Não estamos livres de comportamentos que fazem desviar-se do projeto evangélico, fato que ocorre quando bispos e padres assumem opções em favor de uma Igreja piramidal, aristocrática e até desumana ou antievangélica. Então, assim como fizera a Igreja do Vaticano II e das CEBs, o Papa Francisco concentra sua atenção na missão, na autoridade que se norteia pelo serviço ao Evangelho, na ideia da Igreja Povo de Deus, comunidade cristã de batizados. Ele insiste na natureza missionária da Igreja, ela deve estar em saída, todo cristão é missionário⁴⁷. O Papa Francisco fez notar em seu Discurso por ocasião da Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos que: o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do ‘terceiro milênio’. Para o Papa, a Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, e tem ciência que escutar é mais que ‘ouvir’. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. “*Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o «Espírito da verdade» (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele «diz às Igrejas» (Ap 2, 7)*”⁴⁸.

Ao observar o agir do Papa Francisco podemos nos interrogar: por que há um apelo intenso para a vivência da fraternidade e da sinodalidade eclesiais como modo de viver a fé cristã? Ainda, o que tem a ver fraternidade e sinodalidade dentro do projeto eclesial de Francisco? Naturalmente que em sentido etimológico nada há de comum entre os dois termos, mas na prática eclesial, só é possível falar de verdadeiro movimento sinodal quando o entendemos no horizonte da fraternidade, pois essa permite construir um caminho juntos, na solidariedade, no diálogo, na igualdade de deveres e direitos como batizados. No mundo de hoje, não há mais lugar para uma Igreja clerical que manda e de leigos que obedecem. A estrutura monárquica da Igreja não atende mais!

⁴⁶ FRANCISCO. *FT*. n. 278-279.

⁴⁷ MIRANDA, 2018, p. 41; FRANCISCO, *EG*, n. 11, 120, 122.

⁴⁸ FRANCISCO, Papa. *Discurso por ocasião da Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 20 ago. 2021.



A fraternidade é expressão concreta do amor, da irmandade, sendo mediação necessária para chegar a Deus como Pai de todos. Aquele que não ama não chegou a conhecer realmente a Deus, pois Deus é amor⁴⁹ (1Jo 4,8). Quando o Papa insiste em atitudes concretas de vivência da fraternidade cristã, conseqüentemente, isso exige disposição de cada pessoa para acolher o outro na igualdade, sem bloqueios ou atitudes de superioridade. Aquilo que foi o esforço da Igreja joanina de viver a fraternidade, de certo modo, está expresso nas atitudes do Papa Francisco quando ele almeja uma Igreja irmã, acolhedora, em saída, sem uma hierarquia autoritária e manipuladora. Em tal contexto torna-se possível compreender quando o Papa cita quinze doenças da cúria romana, muitas das quais atentam abertamente contra o desejo do pontífice de maior simplicidade e unidade na Igreja. A estrutura burocrática e de privilégios dificultam a participação e o diálogo⁵⁰.

A sinodalidade exige uma autêntica reforma eclesial, acontecimento inadiável. Para isso, todos devem se desinstalar de suas vaidades e ambições. Ao abordar o tema da reforma, o Papa Francisco adverte os bispos de forma contundente:

O Bispo deve favorecer sempre a comunhão missionária na sua Igreja diocesana, seguindo o ideal das primeiras comunidades cristãs, em que os crentes tinham um só coração e uma só alma (Act 4, 32). Para isso, às vezes pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas⁵¹.

Ele propõe um projeto de valorização de todos dentro da Igreja, pois outras instituições, Comunidades de Base e pequenas comunidades,

⁴⁹ VARGHESE, Johns. *The Imagery of Love in the Gospel of John*. Roma: GBP, 2009. p. 330. É de grande relevância em toda Sagrada Escritura o tema do amor. Ele se faz preponderante nos escritos joaninos, comunidade que sempre lutou para conservar em si a fraternidade e a igualdade dos irmãos. O 'tu me amas' três vezes penetrante no coração de Pedro, não destoa do *corpus joaninum*. A saber, o substantivo ἀγάπη ou o infinitivo αγαπάω aparecem 36 vezes só no Evangelho de João (VARGHESE, 2009, p. 330).

⁵⁰ DÉCIO, João Passos. O Papa Francisco e a Cúria Romana. In: *REB (Revista Eclesiástica Brasileira)* 75, n. 300, 2015, p. 982.

⁵¹ FRANCISCO. *EG*, n. 31.



movimentos e outras formas de associação constituem também uma riqueza da Igreja. Não é possível uma sinodalidade apenas formal, conceitual: ela só pode ocorrer em gestos concretos na Igreja local, em atitudes efetivas de diálogo e de partilhas das opiniões de pequenas comunidades como são as CEBs⁵².

Um traço marcante do magistério do Papa Francisco é a valorização da igualdade que parte do Batismo. Dessa sua compreensão, emana o seu entendimento que todo cristão é sujeito participante do mistério de Cristo e da Igreja. O conceito de Povo de Deus torna-se determinante na sua eclesiologia, resgata-se assim, um viés relevante da eclesiologia conciliar. O batismo torna todos irmãos, todos partícipes do *múnus* de Cristo sacerdote, rei e profeta. Na comemoração dos 50 anos do Sínodo dos Bispos, Francisco retomou João Crisóstomo para mostrar que Igreja e Sínodo são sinônimos. Com isso, ele consegue propor que os bispos e ministros devem estar a serviço da comunidade eclesial. A eles não convém reivindicar para si postos superiores e de privilégios, pois ministro significa exatamente ‘*ser menor*’ entre os demais. E ninguém pode ser «elevado» acima dos outros. Pelo contrário, na Igreja, é necessário que alguém «se abaixe» pondo-se ao serviço dos irmãos ao longo do caminho⁵³.

No final da Encíclica *Fratelli Tutti* o Papa faz um lindo apelo ao amor e o faz em nome da vida; em nome dos pobres, marginalizados e miseráveis a quem Deus ordenou socorrer; em nome dos órfãos, das viúvas, dos refugiados e dos exilados das suas casas e dos seus países; de todas as vítimas das guerras, das perseguições e das injustiças; dos fracos, de quantos vivem no medo, dos prisioneiros de guerra e dos torturados em qualquer parte do mundo⁵⁴. Esse apelo reverbera como que por um olhar retrospectivo da história, atualizando o desejo de fraternidade e justiça da Igreja de Cristo, da Igreja dos apóstolos, da Igreja pós-conciliar, da Igreja da América Latina e das CEBs.

4 Conclusão

Nosso tema procurou fazer um breve percurso da experiência eclesial das CEBs, relacionando seu modo de ser com o tema da sinodalidade

⁵² FRANCISCO. *EG*, n. 29-30.

⁵³ FRANCISCO. *Discurso*, 2015.

⁵⁴ FRANCISCO. *FT*, n. 285.



e da fraternidade cristã. Depois de tantas décadas do modelo eclesial de CEBs na América Latina, vemos um esmorecer ou até uma alteração constitutiva no modo de ser das comunidades cristãs. Entrou em cena uma Igreja mais espiritualista, menos preocupada com o social e com a justiça. Vivemos intenso aprofundamento do individualismo e da falta de sensibilidade comunitária. Isso, infelizmente, é fruto resultante do acentuado isolamento virtual. Vivemos uma fé mais secularizada, imantizada e pouco vinculada à Igreja como ‘Povo de Deus’.

Os jovens pouco participam e temos idosos já cansados e até decepcionados com os acontecimentos sociais e políticos de nosso país, bem como com os escândalos dentro da Igreja. Em nosso Continente, soma-se a isso toda a perseguição que a Igreja latino-americana sofreu no papado de João Paulo II, longos anos de deliberados ataques à Teologia da Libertação e seus mentores. Tudo isso fez demonizar os termos libertação, CEBs e até mesmo os conceitos de ‘Reino de Deus’ ou ‘Povo de Deus’ não deixaram de ser temerosos para muitos na Igreja. Diante de tudo isso, mesmo que as CEBs continuam existindo e atuando em muitas Igrejas locais, todavia, elas quase desapareceram do discurso eclesial-teológico dos últimos três lustros. Mais que ficar buscando localizar efetivamente as CEBs na Igreja, neste pequeno texto, buscamos resgatar alguns valores vivenciados e desenvolvidos nesse modo de viver a fé em nossa América Latina. Vale ressaltar que esse modo de ser Igreja faz parte dos valores perenes do *depositum fidei* da *Igreja inteira*.

As CEBs, como pequenas comunidades, são o que a Igreja foi desde suas origens. Elas exprimem a integralidade do sentido de comunhão e de participação de todo batizado na vivência e pregação do Evangelho. Sua natureza desvela um modo de ser concreto da Igreja local. Elas qualificam o valor de cada membro da comunidade, independente dos dons, carismas e ministérios. Na Comunidade Eclesial de Base torna-se visível a Igreja de carne e ossos, viva, fraterna, pois dela participa todo cristão: pessoas batizadas, presbíteros, bispos e religiosos. Todos na condição de irmãos em Cristo.

Fala-se muito de *Igreja universal*, mas obviamente, ela só se realiza nas pequenas comunidades, nas Igrejas locais dispersas pelo mundo. As CEBs conseguiram realçar a identidade local da Igreja, pois nelas a Igreja vai se fazendo, vai acontecendo na atuação evangelizadora de todos. Não tem sentido falar de pessoas ociosas, de bispos de dioceses fantasmas ou de alguém que não encontra o seu lugar como cristão numa



autêntica CEB. Qualquer ministério deve se efetivar concretamente em serviço e doação aos irmãos. Cada pessoa, conforme esse modelo eclesial, é envolvida nas atividades da comunidade, cada cristão é chamado a evangelizar. Toda pessoa tem seu valor único e insubstituível, pois o fiel está investido da *exousia* do Espírito pelo batismo, possuindo assim igual dignidade diante dos demais na comunidade. Cada fiel é inserido no mistério de Cristo e participa dos três serviços fundamentais com os quais o Senhor realizou sua missão no mundo: a profecia, o sacerdócio e o reinado. Neste sentido, amplia-se o alcance da colegialidade e da sinodalidade⁵⁵. Na Comunidade de Base torna-se difícil a imposição de uma Igreja vertical e autoritária, já que cada membro tem consciência da ação do Espírito e dos diversos dons da comunidade, todos eles unem a comunidade a Cristo e aos irmãos.

Finalmente, as CEBs são a identidade de uma Igreja carismática, plasmada pelo Espírito, que consegue se reconhecer uma comunhão de fiéis, ‘Povo de Deus’ e filhos do mesmo Pai. Igreja modelada ao exemplo da Trindade, todos se tornam irmãos, companheiros de caminhada, abertos ao Mistério revelado e à vida cotidiana com seus desafios e sofrimentos. Nesse modelo de *Ekklesia* não comporta vaidades, poder que sobrepõe aos pequenos, brigas por mitras e báculos. É a Igreja conforme a comunidade Joanina⁵⁶, conforme também o projeto do Papa Francisco. É a Igreja sonhada pelo *livro do Gênesis* quando relata o paraíso perdido, ou aquela da apocalíptica ao descrever a deslumbrante descida da Jerusalém do alto, essa mesma Jerusalém que será alegoricamente pintada por Agostinho na *De Civitate Dei*. Todas essas expressões formuladas na tradição cristã convergem para a única verdade pregada por Jesus: O Reino de Deus. Reino onde todos como irmãos, libertos das amarras do poder ou de todo tipo de ambição se realiza na plena gratuidade, na absoluta liberdade. Então passamos a entender o sentido da nudez expressa em Jó (Jó 1, 21) ‘*in albis*’, ‘nu’ chegamos e ‘*in albis*’ ‘nus’ voltamos, isto é, livres de todas as prisões, restaurados na nossa essência original, como imagem de Deus, estamos prontos para participarmos do banquete divino junto do altar do cordeiro.

⁵⁵ BOFF, Leonardo. A Colegialidade de todo Povo de Deus. Uma interrogação a partir da prática. In: *REB (Revista Eclesiástica Brasileira)*, v. 46, fasc. 183, 1986, p. 665.

⁵⁶ BROWN, E. Raymond. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 126. Inclusive, causa espécie, o rigor da Terceira Carta de João, mostrando certa indignação com Diótfes quando este parece querer introduzir na comunidade algo semelhante ao ofício episcopal. E o escritor joanino diz com profundo desprezo: “Ele ambiciona o primeiro lugar” (3Jo 1,9, p. 126).



Referências

- AZEVEDO, Marcello. *Comunidades eclesiais de Base e Inculturação da fé*. São Paulo: Loyola, 1986.
- BENINCÁ, Dirceu; ALMEIDA, de Alves. *CEBs nos trilhos da inclusão libertadora*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BÍBLIA Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.
- BOFF, Clodovis. Crônica Teológica do V Encontro Intereclesial de Comunidades de Base. In: *REB (Revista Eclesiástica Brasileira)*, 43, fasc. 171, set. 1983.
- BOFF, Clodovis. Estatuto Eclesiológico das CEBs. In: *VVAA. As Comunidades de Base em questão*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo Eclesiogênese: A Igreja que nasce da fé do povo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOFF, Leonardo. A Colegialidade de todo Povo de Deus. Uma interrogação a partir da prática. In: *REB (Revista Eclesiástica Brasileira)*, v. 46, fasc. 183, 1986.
- BOFF, Leonardo. *Igreja, Carisma e poder: Ensaio de Eclesiologia Militante*. São Paulo: Ática, 1994.
- BROWN, E. Raymond. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*. Rio de Janeiro: Dom Bosco, 1962.
- CNBB. *Plano de Pastoral de conjunto (1966-1970)*, Doc. 77. São Paulo: Paulinas, 2004.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II – Constituições decretos declarações. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CELAM. *Puebla – A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín*, 1968. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus: Paulinas; Brasília: CNBB, 2007.



COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: CNBB, 2018.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. *Instrução Sobre Alguns Aspectos da “Teologia da Libertação”*. São Paulo: Paulinas, 1986, (Documentos Pontifícios 203).

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação*. Carta do papa à CNBB sobre a missão da Igreja e a Teologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 1986, (Documentos Pontifícios 207).

DÉCIO, João Passos. O Papa Francisco e a Cúria Romana. In: *REB (Revista Eclesiástica Brasileira)* 75, n. 300, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e amizade social. Brasília: CNBB, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Discurso por ocasião da Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 20 ago. 2021.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1984.

GREGORY, Afonso. *Comunidades Eclesiais de Base: utopia ou realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. Pastoral neoconservadora ‘ma non tropo’: RCC e CEBs. In: *REB (Revista eclesiástica Brasileira)*, fasc. 225, mar. 1997, p. 5-38.

JOÃO PAULO II. *Encíclica Redemptoris Missio*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: Amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000.

MATOS, Henrique C. José. *CEBs uma interpelação para o ser cristão hoje*. São Paulo: Paulinas, 1985.

MIRANDA, Mario de França. *Igreja Sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018.



PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi (EN)*. 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

REGAN, David. *Experiência cristã das Comunidades de Base – Mistagogia*. São Paulo: Paulinas, 1995.

REINERT, Fernandes João. *Paróquia e Iniciação Cristã*. A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal. São Paulo: Paulus, 2015.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TABORDA, Francisco. A Conferência de Medellín como recepção do Vaticano II. In: *Perspectiva Teológica*, v. 51, n. 1 jan.-abr., 2019.

TRACCO, Luiz Celso. As CEBs em Aparecida. A retomada de um modelo de evangelização? In: *Revista de Cultura Teológica*, Ano XXII, n. 84, jul.-dez., 2014.

VARGHESE, Johns. *The Imagery of Love in the Gospel of John*. Roma: GBP, 2009.

VELA, Jesus Andres. *Las Comunidades de Base y una Iglesia nueva*. Buenos Aires: Guadalupe, 1968.

WALDENFELS, Hans. Autoridade e conhecimento. In: *Concilium*, 200, 1985/4.